

CASOS DE FLUTUAÇÃO NO EMPREGO DO MODO SUBJUNTIVO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA INVESTIGAÇÃO

Adriana Albuquerque (PUC-Rio)¹
Martina Farias (PUC-Rio)

RESUMO

Vinculado à linha de pesquisa em Estudos da Linguagem, que tem como tema casos de flutuação no emprego do modo subjuntivo no português brasileiro e seu impacto no processo de ensino-aprendizagem de português como língua estrangeira (PLE) e/ou como segunda língua (PL2E), o presente trabalho pretende (1) investigar a tensão existente entre a regularidade e a flutuação no uso do subjuntivo, além de (2) identificar e analisar diferentes situações em que ocorrem essas variações no referido modo verbal do português e (3) apresentar caminhos didáticos para o ensino e a aprendizagem de particularidades relativas ao assunto em questão. Nessa perspectiva, aprofundar o tema faz-se necessário, uma vez que os alunos de nível avançado, ao perceberem esses casos de flutuação, colocam em questionamento as regras anteriormente aprendidas e memorizadas, desenvolvendo sentimentos de insegurança quanto às suas capacidades linguísticas. No que tange à base teórica, este trabalho está inserido em uma corrente funcionalista da língua. Partindo do princípio de que um modelo adequado de gramática requer tanto a aplicação de uma organização em camadas quanto o reconhecimento de vários níveis de análise, Hengeveld (2004) defende que há diversas razões para que a GF (Gramática Funcional) se expanda da gramática da sentença para a gramática do discurso. Assim, partindo de uma descrição da língua que se assemelhe cada vez mais ao processamento linguístico do indivíduo, esse trabalho visa descrever a língua por meio de seus aspectos funcionais. Para isso está sendo realizado um levantamento bibliográfico da literatura que trata do assunto, além de uma coleta de dados a partir de informações disponibilizadas pelo site da Linguateca. No que diz respeito aos resultados preliminares pode-se perceber por meio de pesquisas já iniciadas no tema, o quanto relevante é apresentar aos alunos de níveis avançados os casos de flutuação do subjuntivo no português brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: subjuntivo, correlação verbal, português para estrangeiros

¹ ALBUQUERQUE, PUC-Rio, Departamento de Letras. Rua Marquês de São Vicente, 225, CEP 22451-900, Gávea, Rio de Janeiro, Brasil; adri@puc-rio.br.

1. Introdução

Em estudos de orientação gerativo-transformacional, Azevedo (1976) já tratava do subjuntivo em português, focalizando aspectos relativos à competência linguística. Apesar de não ter como escopo de seu trabalho os fenômenos que envolvem a escolha dos tempos verbais, o autor faz algumas importantes considerações sobre o assunto quando trata do subjuntivo em orações subordinadas adverbiais. Neste ponto, afirma que os dados analisados, por ele, apesar de não serem muito extensos, apontavam para dois expressivos grupos: 1) aquele que sempre introduz orações adverbiais que incluem uma forma subjuntiva e 2) aquele que introduz orações adverbiais que podem ter o verbo no indicativo ou no subjuntivo. Ao primeiro grupo, pertencem as chamadas conjunções concessivas e finais. Ou seja, o estudo parece apontar uma restrição gramatical que obriga o emprego do modo subjuntivo com um conjunto de conjunções que expressam concessão ou finalidade. Nas seções III e IV da referida obra, Azevedo (1976) tece algumas considerações sobre a correlação verbal esperada na construção das subordinadas substantivas e adverbiais e, sem se ater a esta questão de modo mais aprofundado, conclui que

O subjuntivo só ocorre em orações subordinadas, e apenas quando certas condições, mencionadas nas seções III e IV, se encontram satisfeitas. Sem embargo, às vezes, o subjuntivo deixa de manifestar-se, ainda quando aquelas condições existem. Por exemplo, não é raro coexistirem, na fala de uma mesma pessoa, orações como as de (1) e as de (2):

- (1) a) Eu quero que você fala com ele.
b) Se eu tinha dinheiro, eu ia lá.
c) É uma pena que você chegou atrasado.

- 2) a) Eu quero que você fale com ele.
b) Se eu tivesse dinheiro eu ia lá [ou iria] lá.
c) É uma pena que você tenha chegado atrasado.

(op. cit. p. 50)

A partir dessas observações, podemos verificar o quanto o tema deste artigo já trazia provocações nos estudiosos que, embora não estivessem pensando em um estudo de base funcional-discursiva, apontavam para a importância de se realizar uma pesquisa que pudesse analisar a questão, levando em consideração

além do aspecto teórico do problema, suas possíveis correlações com aspectos não linguísticos da estrutura social – por exemplo, classe social,

grau de instrução dos falantes, o grau de formalidade da situação em que se desenrola o ato comunicativo etc.

(op. cit. p. 51)

Neste sentido, este nosso trabalho visa, portanto, a contribuir para a descrição do português para a área de ensino de português como segunda língua ou como língua estrangeira, tendo a exploração de corpora eletrônico como subsídio para o estudo e descrição linguística (Sampson, 2002; Santos, 2008, 2014) e a base teórica fundamentada em aspectos funcionais da Gramática Funcional do Discurso (Hengeveld, 2004). É importante ressaltar que não nos interessa, nesta pesquisa, abordar os aspectos formalistas a que se propõe, também, a referida teoria.

No que diz respeito aos objetivos macros de nossa pesquisa, apresentamos três princípios norteadores: (1) investigar a tensão existente entre a regularidade e a flutuação no uso do subjuntivo para alunos de nível avançado de Português como Segunda Língua (PL2E) e de Português como Língua Estrangeira (PLE), (2) identificar e analisar diferentes situações em que ocorrem essas variações no referido modo verbal do português brasileiro e (3) apresentar caminhos didáticos para o ensino e a aprendizagem de particularidades relativas ao assunto em questão.

2. Pressupostos teóricos

Um dos princípios norteadores de uma Gramática Funcional é o de que o sistema linguístico e suas peças são indissociáveis das funções que têm de exercer. Segundo Dik (1989 apud Neves, 1994), a teoria advoga que um primeiro sistema, que contém as regras semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas serve como instrumento para um segundo, o qual é constituído pelas regras pragmáticas que regem os padrões interacionais em que as expressões linguísticas governadas pelo primeiro sistema são empregadas.

Desta forma, vemos que uma gramática funcional é acessível às pressões de uso e leva em consideração a competência comunicativa segundo a qual o processo tradicional de descrição gramatical deve ser associado à descrição das regras para o uso social apropriado da linguagem, marcado por variáveis, níveis e módulos para caracterizar a função comunicativa da linguagem.

Em nossa pesquisa, abordamos, mais especificamente, os conceitos da Gramática Funcional do Discurso (GFD), desenvolvida por Hengeveld (2004), porque, apesar de tal modelo de análise entender a gramática como um sistema formalizado que incorpora fenômenos inerentes à construção do discurso pelos interlocutores, também defende a ideia de que para se entender o estrutural deve se considerar **a semântica, a intenção do falante e sua relação com a construção do discurso, e sua influência no uso deste, considerando-se que tais relações são expressas por meio de estratégias comunicativas.**

Para a análise, escolhemos as duas camadas verticais que representam os aspectos **interpessoal** e **representacional** da linguagem. Deste modo, de acordo com Camacho (2006), a oração passa a ser vista como a representação de um ato de fala, estando localizada num tempo e espaço e podendo ser avaliada no que se refere a suas condições de felicidade.

Segundo Hengeveld (2004), o nível Interpessoal se refere à estratégia linguística adotada por um falante ao usar uma dada unidade linguística em seu enunciado. O nível mais alto, *Move*, corresponde a uma contribuição autônoma do falante para uma interação contínua, que, na fala, geralmente, corresponde a um turno. Tais *Moves* são dotados de unidades linguísticas que exercem funções retóricas, relativas à estruturação global do discurso, e de unidades linguísticas que exercem funções pragmáticas, relativas ao modo como os falantes constroem seus enunciados tendo em mente a interpretação que o ouvinte fará. O que temos, então, é a consideração, nesse nível dos participantes, acerca da força das ilocuções de cada ato discursivo e do conteúdo comunicado.

Por sua vez, o nível Representacional se refere à função textual dos elementos linguísticos usados pelo falante em seu enunciado. O nível mais alto é o Episódio, o qual apresenta “um conjunto semanticamente coerente de conteúdos proposicionais” (CAMACHO, 2006, pág.177).

3. Metodologia

A pesquisa empreendida é de base qualitativa e quantitativa. A coleta de dados foi realizada a partir de informações disponibilizadas pelo site do Linguateca, basicamente, a partir de dois corpus.

O Linguateca é um centro de recursos, distribuído para o processamento computacional da língua portuguesa, servindo a comunidade que se dedica ao processamento da língua portuguesa. Tem como objetivo particular facilitar o acesso aos recursos já existentes, por meio do desenvolvimento de serviços de acesso na rede e mantendo um portal com informação útil.

Dentre os vários recursos disponibilizados, escolhemos, prioritariamente, dois acessos a corpus brasileiros. As informações mais pertinentes sobre estes corpus são fornecidas no próprio site do linguatca. Vejamos, a seguir, suas características:

- 1) **Corpus Brasileiro** - uma coletânea de aproximadamente um bilhão de palavras de português brasileiro, resultado de projeto coordenado por Tony Berber Sardinha, (GELC, LAEL, Cepil, PUCSP), com financiamento da Fapesp.
- 2) **Floresta Sintáctica**- um conjunto de frases analisadas (morfo)sintaticamente contendo textos em português (do Brasil e de Portugal) anotados (analisados) automaticamente pelo analisador sintático PALAVRAS (Bick 2000) e revistos por linguistas. O projeto é uma colaboração entre a Linguatca e o projecto VISL.

(cf: <http://www.linguatca.pt/ACDC/>)

Foram analisados nos corpus supracitados casos de regularidade e de flutuação do modo subjuntivo que envolvem a utilização de alguns conectivos, introdutórios das orações subordinadas. Vale lembrar que, conforme dito anteriormente, mostra-se extremamente relevante para este trabalho, que busca identificar e analisar as condições de flutuação do modo em análise, tanto a descrição do uso sistematizado quanto a descrição dos casos em que a flutuação ocorre. Neste sentido, dados de base qualitativa e quantitativa nos ajudam a compreender quais são os casos de flutuação que ocorrem com mais frequência e quais são as intenções do falante ao escolher um ou outro modo para realizar seu discurso em um dado contexto. Neste artigo, particularmente, apresentamos a análise de dados coletados no corpus do Floresta Sintáctica.

4. Análise dos dados

4.1 Considerações iniciais

Analisar casos de flutuação do uso do subjuntivo não quer dizer acreditar que tal modo não esteja mais sendo utilizado, de forma geral, no português do Brasil. A nossa hipótese é de que ocorrem casos de flutuação que são mais ou menos aceitos, em determinados ambientes linguísticos, e que somente uma pesquisa descritiva, com base em usos efetivos da língua em diferentes contextos, poderá comprovar que casos devem ser apresentados ou não ao aluno estrangeiro.

Não podemos afirmar que o subjuntivo “morreu”, tomando como base a língua informal como única variante de análise. Por outro lado, também, não podemos nos basear, apenas, em determinados tempos do subjuntivo para afirmar que não utilizamos mais este modo verbal. Neste artigo, são apresentadas algumas reflexões acerca do presente e do futuro do referido modo. Contudo, acreditamos ser de extrema relevância a realização de trabalhos outros que abranjam os outros tempos do subjuntivo, sejam eles simples ou compostos.

Uma das motivações para realizar esta pesquisa, sem dúvida alguma, foi a constatação de que não apenas os estrangeiros de diversos países, durante as aulas de português da PUC-Rio, utilizavam diferentes tempos e modos em situações que a tradição gramatical prescreve apenas uma única forma como correta, mas também pelo fato de constatarmos, a partir da análise de dados fornecidos pelo Linguateca, que tal fenômeno ocorre, em maior ou menor grau, no uso efetivo que o falante nativo do português brasileiro realiza da língua.

A título de ilustração, apresentamos o advérbio **talvez**, que, teoricamente, é um exemplo de vocábulo que demanda o uso do modo subjuntivo (*talvez ele vá, talvez ele tenha ido, talvez ele fosse, talvez tivesse ido*). Contudo, o linguateca, em um mecanismo de busca de caráter quantitativo, aponta-nos o emprego do referido advérbio com diversos modos, tempos e formas nominais. Vejamos:

Tempos	Ocorrências	%
Presente do subjuntivo	1234	66,31%
Pretérito imperfeito do subjuntivo	250	13,43%
Pretérito perfeito composto do subjuntivo	183	9,83%
Particípio passado	49	2,63%
Infinitivo	41	2,20%
Pretérito mais que perfeito composto do subjuntivo	40	2,15%
Gerúndio	21	1,13%
Presente do indicativo	12	0,64%
Infinitivo + acusativo	6	0,32%
Futuro do pretérito	3	0,16%
Futuro do indicativo	3	0,16%
Perfeito ou mais que perfeito do indicativo	3	0,16%
Pretérito mais que perfeito do subjuntivo	2	0,11%
Presente do indicativo na forma progressiva	2	0,11%
Presente do indicativo na voz passiva	2	0,11%
Presente do indicativo na voz passiva	2	0,11%
Pretérito perfeito do indicativo	2	0,11%
Presente do indicativo no futuro perifrástico	2	0,11%
Presente na forma progressiva	1	0,05%
Pretérito Mais que perfeito do indicativo	1	0,05%
Pretérito imperfeito do indicativo na voz passiva	1	0,05%
Gerúndio + acusativo	1	0,05%
Pretérito perfeito do indicativo na voz passiva	1	0,05%
Pretérito imperfeito do indicativo	1	0,05%

Em trabalho realizado na linha de pesquisa de Estudos da Linguagem, na área de Descrição do Português: ensino e tecnologia, da PUC-Rio, Albuquerque (2007) discorre sobre a descrição e a análise de um conjunto de conectivos que permitem ou não casos de flutuação. A autora observa que entre os possíveis fatores que podem determinar a escolha do presente do subjuntivo em situações nas quais se esperava encontrar o futuro do subjuntivo, estão:

- a) O tipo de modalidade da linguagem – oral e escrita;
- b) O tipo de registro de linguagem – formal e informal;
- c) A tipologia semântica dos verbos; e
- d) A escolha do conectivo temporal de acordo com a ideia de posteridade, como, por exemplo, “depois que”, simultaneidade “enquanto” e habitualidade “sempre que”.

Vale destacar que fatores excepcionais como esses, os quais interferem constantemente no uso do modo subjuntivo, flexibilizando de variadas maneiras os parâmetros para o uso desse modo verbal, comumente não são apresentados aos aprendizes de PL2 e de PLE. Saliente-se, porém, que em alguns casos esses usos configuram objeto de investigação linguística ainda bastante inconclusiva, embora trabalhos como esse se debruçam em analisar esses possíveis desencadeadores de flutuações. Nesse contexto, os alunos de níveis avançados, a quem inclusive se destina essa pesquisa, ao entrarem em contato com a língua viva, não higienizada, falada do lado de fora da sala de aula, não raramente identificam esses casos de variação e colocam à prova todos os seus conhecimentos adquiridos sobre o modo subjuntivo, até então, na medida em que veem todas as suas certezas, no uso desse modo, abaladas. A esse encontro deve-se, muitas vezes, o sentimento de insegurança que se instala sobre nossos aprendizes, e que é capaz, inclusive, de promover entre eles um retrocesso, visto que muitos dizem frases do tipo: “eu achei que sabia usar o subjuntivo”.

Assim, neste trabalho, com o objetivo de buscar oferecer aos aprendizes de PL2 e de PLE uma melhor compreensão dos fenômenos linguísticos aos quais eles se veem expostos, foram pesquisadas dentre os aspectos desencadeadores de flutuação no modo subjuntivo aqueles decorrentes do uso de conectivos temporais, como por exemplo, o conectivo “quando”, que embora não obrigue o uso do subjuntivo, apresenta casos de flutuação muito frequentemente. Também, verificamos o emprego do conectivo condicional “caso”, que por sua vez, de acordo com a tradição gramatical, obriga o uso do modo subjuntivo.

Sabe-se de acordo com as regras de sistematização do uso do subjuntivo, contrariamente ao que ocorre com conectivos que obrigam o uso do mesmo, como por exemplo, “antes que” e “até que”, que com os conectivos que não obrigam o uso do subjuntivo, caso queira expressar ideia de futuro, usa-se o tempo futuro. Contudo, nas situações que tem aparecido muito comumente nas flutuações desencadeadas por esses

conectivos, usa-se ao invés do futuro, o presente. Pode-se dizer que essa flutuação deve-se a aspectos não somente de caráter gramatical, mas especialmente de caráter cultural, na medida em que estão aí envolvidos aspectos que dizem respeito à tolerância do brasileiro em situações de não-pontualidade (cf. Albuquerque, 2007).

Segundo Mackenzie (1992), ao estudar-se a sistemática da língua pode-se esperar encontrar aspectos funcionais. Para o funcionalismo o aspecto primordial nos estudos da linguagem é a competência comunicativa do falante, isto é, sua capacidade não apenas de codificar e decodificar expressões, como também sua capacidade de interpretar essas expressões e usá-las de forma interacionalmente satisfatória. Dessa forma, pode-se dizer que aspectos culturais de um povo perpassam a estrutura de sua língua, na medida em que nas funções dadas pelos usuários de uma língua às formas linguísticas, muito se faz transparecer da personalidade de um povo.

Mostra-se possível assim, relacionar a aparente “tolerância” linguística do brasileiro para a construção e a aceitabilidade dos casos de flutuação do subjuntivo com os conectivos temporais: a não-pontualidade do brasileiro seria dessa forma associada a sua forte tendência em variar o uso do subjuntivo em contextos onde as ideias introduzidas pelos conectivos são realizadas simultânea ou posteriormente ao ponto dêitico da enunciação.

4.2 A sistematização prescrita

Com base na tradição gramatical, podemos afirmar que há uma exigência de uso do modo subjuntivo em dadas situações previstas pelo sistema linguístico. Assim temos:

A) Usamos presente do subjuntivo ou perfeito do subjuntivo quando, nos casos previstos para tais formas verbais, o verbo da oração principal está no presente do indicativo (*eu falo*), ou no futuro do presente do indicativo (*eu falarei*), ou no imperativo (*fale*):

Exs.: Espero que você faça uma boa viagem.

Espero que você tenha feito uma boa viagem.

B) Usamos futuro do subjuntivo ou futuro composto do subjuntivo quando, nos casos previstos para tais formas verbais, o verbo da oração principal está no presente do indicativo (*eu falo*), ou no futuro do presente do indicativo (*eu falarei*), ou no imperativo (*fale*):

Exs.: Eu faço as obras assim que ele autorizar.

Eu faço as obras assim que ele tiver autorizado.

C) Usamos imperfeito do subjuntivo (*falasse*) ou mais-que-perfeito do subjuntivo (*tivesse falado*) quando, nos casos previstos para tais formas verbais, o verbo da oração principal está no perfeito do indicativo (*eu falei*), ou no pretérito imperfeito do indicativo (*eu falava*), ou no pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*tinha falado*), ou no futuro do pretérito (*falaria*):

Exs.: Eu exigi que ele estudasse.

Eu exigia que ele tivesse estudado inglês.

Eu tinha exigido que

Eu exigiria que

ATENÇÃO: Com as conjunções *se, quando, logo que, assim que, depois que, sempre que, enquanto, conforme, como, à proporção que, à medida que e quanto mais/menos* usamos:

→ NA ORAÇÃO PRINCIPAL o futuro do pretérito do indicativo ou o imperfeito do indicativo e NA 2ª ORAÇÃO, o imperfeito do subjuntivo ou o mais-que-perfeito do subjuntivo

Eu cantaria CASO me dessem dinheiro.

Quando eu era pequeno, eu cantava CASO tivessem me dado dinheiro.

4.3 Os conectivos CASO e QUANDO

Os dados, abaixo, demonstram a parte inicial de nossa pesquisa, ainda em

desenvolvimento, no curso de Formação de Português para Estrangeiros da PUC-Rio e, por esta razão, não são apresentados com uma análise mais aprofundada. Entretanto, as ideias surgidas até o momento, apontam para a necessidade de desenvolvermos mais trabalhos acadêmicos que envolvam não apenas as orações subordinadas introduzidas por conectivos condicionais e temporais, mas também, pelas orações substantivas subjetivas e objetivas diretas que, muitas vezes, de acordo com determinadas restrições gramaticais previstas pela tradição gramatical parecem nos impor o emprego do modo subjuntivo.

Vejamos o resultado das ocorrências encontrados:

4.3.1 A regularidade do conectivo CASO: dados da Floresta Sintática

Resultados da procura

Fri Oct 2 01:24:36 WEST 2015

Procura: [lema="caso" & variante="BR"]@ [pos!="V"]*
[temcagr="*.SUBJ"]
Pedido de uma concordância em contexto
Corpo: Floresta Sintá(c)tica v. 2.5

414 ocorrências.

Concordância

Procura: [lema="caso" & variante="BR"]@ [pos!="V"]*
[temcagr="*.SUBJ"].

id=31 cad="Dinheiro" sec="eco" sem="94b": **Caso a opção seja** pelo aparelho multiuso, o comprador deve checar se o produto tem assistência técnica, diz ela .

id=36 cad="Esporte" sec="des" sem="94b": Caio entra no lugar de Catê, **caso ele seja** suspenso hoje pela manhã

id=97 cad="Cotidiano" sec="soc" sem="94b": **Caso não haja** fila, o período de uso pode ser maior .

4.3.2 A flutuação do conectivo CASO: dados da Floresta Sintática

Resultados da procura

Sat Oct 3 03:39:25 WEST 2015

Procura: [lema="caso" & variante="BR"] @[temcagr="IND"]

Pedido de uma concordância em contexto

Corpo: Floresta Sintá(c)tica v. 2.5

Nenhum caso foi encontrado!

4.3.3 A regularidade do conectivo QUANDO: dados da Floresta Sintática

Resultados da procura

Fri Oct 2 01:36:28 WEST 2015

Procura: [lema="quando" & variante="BR"] @[temcagr="FUT_SUBJ"]

Pedido de uma concordância em contexto

Corpo: Floresta Sintá(c)tica v. 2.5

172 ocorrências.

Concordância

Procura: [lema="quando" & variante="BR"] @[temcagr="FUT_SUBJ"].

id=1048 cad="Brasil" sec="pol" sem="94b": Assesores de FHC, porém, assinalam que o governo só deve atacar quem considera especulador **quando tiver** certeza absoluta de que não haverá obstáculos jurídicos .

id=1138 cad="Tudo" sec="nd" sem="94b": " Comecei a preparar estoques no final de dezembro, porque **quando chegar** em setembro não existem mais camisetas ", diz .

id=1447 cad="Turismo" sec="soc" sem="94b": Isso só vamos conseguir **quando fizermos** o que diz o relator do Banco Mundial :

4.3.4 A flutuação do conectivo QUANDO: dados da Floresta Sintática

Resultados da procura

Fri Oct 2 01:37:51 WEST 2015

Procura: [lema="quando" & variante="BR"] @[temcagr="PR_SUBJ"]

Pedido de uma concordância em contexto

Corpo: Floresta Sintá(c)ica v. 2.5

4 ocorrências.

Concordância

Procura: [lema="quando" & variante="BR"] @[temcagr="PR_SUBJ"].

3 ocorrências.

id="1694" titulo="a greve jack london 1": O final chegará quando se satisfaçam nossas reivindicações, e nossas reivindicações serão satisfeitas **quando tenhamos** rendido pela fome os nossos patrões, do mesmo modo que nos renderam a nós muitas vezes no passado. "

id="1729" titulo="arraiais uma tradição de sete-decadas": Mas também havia outras danças tradicionais como As Pastorinhas, cujos primeiros registros são obra de dona Estela Barbosa e o'scu' Augusto, em meados da década de 1940, **quando saiam** pelas ruas dos bairros Olaria e Correios (hoje Caetano Filho e São Pedro, respectivamente), animando a criançada .

id="4146" titulo="o que o senado tem-de-melhor": Mesmo **quando tenhas** alcançado o limite extremo dos anos, estes ainda reservam prazeres. "

Nossa análise preliminar aponta que nos casos em que o conectivo obriga o uso do subjuntivo, a flutuação na oração subordinada é quase nula no que diz respeito à escolha dos modos. É o exemplo do conectivo CASO.

Segundo Camacho (2006), ainda que na Gramática Funcional os fenômenos gramaticais fossem com frequência analisados à luz do discurso, seu objeto principal de estudo era a sintaxe, uma vez que tinha como unidade máxima de sua análise as estruturas oracionais simples e complexas. No entanto, com a nova arquitetura denominada Gramática Funcional do Discurso, o objeto primordial da análise passa a ser então o próprio discurso. Essa perspectiva torna evidente o quanto o sistema linguístico é altamente influenciável e moldado por forças externas a ele. Pode-se, então, dizer que o conectivo condicional “caso” não sofre flutuação no que diz respeito à escolha do modo verbal devido a uma combinação de forças extrínsecas ao sistema da língua e decorrentes de propósitos discursivos que moldam a linguagem como instrumento de interação social.

A escolha, portanto, de um conectivo que, por restrição gramatical, exige o uso do subjuntivo, faz parte de uma estratégia linguística adotada pelo falante ao usar uma dada unidade linguística em seu enunciado. Deste modo, entram em jogo os componentes do nível interpessoal defendidos por Hengeveld (2004), ao tratar a gramática de um ponto de vista funcional e discursivo. O conectivo CASO pode ser entendido, aqui, portanto, como uma das unidades linguísticas que exercem funções pragmáticas relativas ao modo como os falantes constroem seus enunciados tendo em mente a interpretação que o ouvinte irá fazer.

Por sua vez, nos casos em que o conectivo não obriga o uso do subjuntivo, a flutuação na oração subordinada, no que tange à escolha do tempo, presente ou futuro, parece ser maior e mais bem aceita pelos brasileiros, tendo em vista que não faz uma restrição muito impositiva para a escolha do modo verbal. É o exemplo do conectivo QUANDO. Conforme Hengeveld (2004), entre as muitas razões pelas quais a Gramática Funcional expandiu-se da gramática da sentença para a gramática do discurso, está o fato de haver diversos fenômenos linguísticos que somente podem ser analisados por um conjunto de níveis que estão acima da sentença (cf. Camacho, 2006).

Nessa perspectiva, torna-se necessário olhar o fenômeno da flutuação de forma ampliada no que diz respeito às condições envolvidas no discurso que as molda. O caso de flutuação do tempo verbal desencadeado pelo conectivo temporal “quando” marca, em sua forma linguística, aspectos de natureza cultural do brasileiro no que diz respeito ao modo como, por exemplo, ele lida com questões relativas a não-pontualidade. Assim, acreditamos que, não coincidentemente, esse conectivo estabelece relações temporais simultâneas ou posteriores ao ponto dêitico da enunciação. Podemos, portanto, afirmar que o nível representacional (Hengeveld, 2004), que se refere à função textual dos elementos linguísticos usados pelo falante em seu enunciado, demanda, para uma compreensão mais abrangente dos enunciados, uma série de combinações relacionadas não somente ao discurso, mas também a questões do ponto de vista cultural.

5. Conclusão

Tendo como base uma visão funcionalista da linguagem, na qual segundo Mackenzie (1992) a gramática ocupa uma posição intermediária em relação às abordagens que dão conta apenas da sistematicidade da estrutura da língua ou da

instrumentalidade do uso da língua, a gramática funcional busca explicar as regularidades da língua por meio dela mesma por meio de aspectos recorrentes e pelos quais os falantes se comunicam eficientemente.

Nessa perspectiva de análise da língua em uso, buscou-se tratar aqui de temas bastante pertinentes, não nas gramáticas e livros didáticos de PLE/PL2, mas sim no português real, autêntico, falado diariamente por milhões de brasileiros. As flutuações no uso do modo subjuntivo aparecem, sem nenhuma de dúvida, de forma constante, ainda que, muitas vezes, passem despercebidas por ouvidos muito habituados com as artimanhas da língua materna e as suas funções transgressoras das formas.

Desse modo, no que diz respeito ao ensino-aprendizagem de português como segunda língua ou língua estrangeira, torna-se essencial que o uso das estruturas subjuntivas seja sistematizado, mas não de forma a adequá-lo dentro de padrões formais limitantes, mas sim de forma a explicitar por meio de suas pistas concretas de uso como por elas perpassam os aspectos subjetivos que estão presentes na intenção do falante.

Segundo Lantolf (2000), há evidências que mostram que é possível apropriar-se de uma segunda língua e nesse processo de aculturação não perder sua própria identidade, sua própria visão de mundo. Assim, o papel do professor de PL2E e de PLE é mediar esse processo de aculturação do aprendiz estrangeiro, oferecendo a ele acesso a uma melhor compreensão dos fenômenos linguísticos aos quais o mesmo está exposto, fazendo com que ele seja capaz de usar a língua portuguesa de forma efetiva, assimilando valores e costumes do nosso povo, sem com isso perder suas características próprias. Por tudo isso, parece relevante que o professor mostre para seus alunos os casos de flutuação do modo subjuntivo, embora reforce os princípios regulares desse modo verbal, visto que uma vez seguro das regularidades, torna-se muito mais fácil que ele se sinta apto a transitar por formas mais variadas do nosso idioma.

Por fim, apresentamos os caminhos que esta nossa pesquisa pretende, ainda, percorrer:

- a) Identificar os tipos de flutuação que ocorrem com alguns conectivos temporais e condicionais,
- b) Verificar a recorrência destes casos de flutuação nos casos em que o conectivo obriga o uso do subjuntivo e nos casos em que o conectivo permite o uso do indicativo e do subjuntivo,
- c) Identificar, em nível discursivo, as “pistas” que levam o falante a escolher um ou outro modo verbal,

- d) Apontar caminhos didáticos para o professor de PL2/PLE apresentar aos alunos os casos mais recorrentes, com o objetivo de não mostrar aos aprendizes apenas uma língua “higienizada” e
- e) Motivar a realização de mais pesquisas sobre o tema, partindo de outras estruturas que demandam, de acordo com as restrições da língua, o uso do subjuntivo.

Assim, encerramos nossas reflexões preliminares acerca de um tema ainda tão pouco explorado no processo de ensino-aprendizagem do Português como Segunda Língua e como Língua Estrangeira, acreditando que, somente com trabalhos descritivos, de base funcionalista, alcançaremos níveis de excelência na elaboração de aulas e de materiais didáticos destinados ao referido público-alvo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, A. (2007). *A pontualidade e o uso dos conectivos temporais em PL2E: entendendo a cultura para entender a gramática*. In: Português Para Estrangeiros: Territórios E Fronteiras. Disponível em: <http://www.letras.pucrio.br/unidades&nucleos/publicacoes/ccci/Textos%20revisados/A%20pontualidade%20e%20o%20uso%20dos%20conectivos%20temporais.pdf>

AZEVEDO, M. M. (1976). **O Subjuntivo em Português**. Petrópolis, Editora Vozes.

CAMACHO, R. G. (2006) *Da gramática funcional à gramática funcional do discurso*. Signótica Especial, n. 2, pp. 167-180.

HENGEVELD, K. (2004) The architecture of a Functional Discourse Grammar. In: MACKENZIE, J. L.; GÓMEZ-GONZÁLEZ, M. A. (Ed.). **A new architecture for Functional Grammar**. Berlin: Mouton de Gruyter, pp.1-21.

LANTOLF, J. P. (2000) “Second culture acquisition: cognitive considerations” IN: HINKEL, E. (ed.) *Culture in second language teaching and learning*. 2a. ed. Cambridge, UK: Cambridge UP, pp. 28-46

MACKENZIE, J. L. (1992) *What is functional grammar?* Congres International de Linguistique et Philologie Romanes, 20 Comunicação Zurich, Suisse. (Mimeogr)

NEVES, M. H. de M. (1997) *A gramática de usos é uma gramática funcional*. Alfa, São Paulo, pp. 15-24.

_____ (1994) *Uma visão geral da gramática funcional*. Alfa, São Paulo.

SAMPSON, G. (2002) *Empirical linguistics*. London and New York: Continuum.

SANTOS, D. (2008) *Corporizando algumas questões*. In: STELLA, E. O.; TAGNIN, S.; OTO, A. V. (Orgs.). **Avanços da linguística de corpus no Brasil**. Editora Humanitas: São Paulo, pp. 41-66.

SANTOS, D. (2014) *Podemos contar com as contas?* In: ALUÍSIO, S.; TAGNIN, S. (Orgs.) 11th Corpus Linguistics Conference. Cambridge (UK): Cambridge Scholars Publishing.

